

A história do vinho



e as civilizações



Os gregos (segunda parte)

Os gregos tinham uma abordagem ao vinho parcialmente diferente dos egípcios. O nobre líquido era visto, assim como o sexo, como fonte inesgotável de prazeres, uma visão puramente hedonística, que nos fez herdar, não tratados de agricultura ou excertos de seus sistemas produtivos, mas antes um acúmulo de citações, odes, obras de artes, ditados brilhantes, enfim uma coleção de fragmentos que atestam o importante papel que o vinho tinha na vida de seus cidadãos.

Ainda assim, sabemos, por Homero, que bons eram os vinhos de Lesboas, Quios e Tasos, que viajavam pelo Egeu e pelo Mediterrâneo.

Na Grécia, o jantar normalmente era ao cair da noite, dividido em duas partes: a primeira, o momento de comer, a refeição; depois vinha o simpósio, dedicado apenas a se beber vinho. Era escolhido, normalmente o dono da casa, ou por aclamação, o papel de simposiarca, que tinha como função maior não deixar a conversa esfriar demais, tornando-se aborrecida, nem esquentar demais, dando origem a querelas ou agressões entre os comensais.

Nestas ocasiões o simposiarca misturava água ao vinho, pois este jamais era bebido puro, considerando-se quem assim o fazia um cidadão de segunda classe. Apenas em algumas ocasiões especiais era permitida a ingestão do vinho puro, ou no recebimento de notícias trágicas, como morte de parentes ou confirmação de traição por parte da mulher amada.

Heródoto dizia que beber o vinho puro, à maneira dos citas (povo de origem iraniana que vivia nas estepes ao norte do Mar Negro) era indigno, coisa de bárbaros que desonravam o deus Baco.

Baco era o nome que os romanos deram ao deus grego para o vinho, que, na verdade, chamava-se Dionísio. Ele nasceu em Naxos, mas foi criado em Niza, daí seu nome (Dio Niso). Filho de Júpiter e uma de suas amantes, Semele, Dionísio era sempre representado baixinho e gordinho, apesar de ter sido guerreiro valoroso. Foi criado no Jardim do Rei Midas, com todo o luxo e o ouro ali disponível. Segundo Heródoto e Virgílio, uma de suas bebedeiras teria durado cem dias, só cessando por intervenção divina.

Interessante em sua biografia foi o fato de que Dionísio ter passado algum tempo no Cáucaso, tendo depois ido visitar a Mesopotâmia e a Índia, antes de retornar à Grécia. Este trajeto mítico, aparentemente, foi o per-



Antigo Teatro na Acrópole Grega, Atenas

FOTO: ARQUIVO REVISTA ENGENHARIA

corrido pela videira para chegar à Hélade (nome que os gregos davam ao seu país).

As bacanais gregas eram festivais anuais que duravam seis dias, e que incluíam procissões, sacrifícios, declamação de poesia, teatro, e outras artes, terminando com um farto banquete. Não tinham nenhuma conotação com as orgias das bacanais romanas, nem incluíam qualquer tipo de sexo.

Da extensa relação lírica dos gregos com o vinho selecionamos apenas um pequeno excerto de uma Ode atribuída a Anacreonte, em tradução de Andytas Soares de Moura:

– “Eia rapaz, traz-me o cálice para que eu beba de um alento, mescla na taça dez partes de água e cinco de vinho, pois quero de novo embebedar-me sem tantas histórias. Eia, não façamos como os citas que bebem do vinho entre brigas e gritarias, mas calmos brindemos entoando belos cantos em louvor aos deuses”.

Parece que a predileção dos gregos era falar mal dos citas. Anacreonte, além de grande apreciador de vinhos e mulheres, compartilhava o amor carnal de um jovem efebo com o seu rei, o que ele próprio admitia ser uma relação extremamente perigosa.

O vinho assumiu para os gregos um papel de elemento divino e transformador das relações humanas, sempre associado ao prazer, ao convívio, ao diálogo, às artes em geral, portanto existem tantas citações e poucas referências técnicas de seu cultivo.

Não obstante os gregos atravessaram o Mediterrâneo com seus navios, implantando videiras no sul da Itália, na região conhecida como “Magna Grécia”. O transporte do vinho e do azeite, no sentido da Grécia para Itália e vice versa, era feito por navios que cruzavam o Estreito de Messina com largas pranchas perfuradas onde se alinhavam ânforas cônicas de barro. A extensão deste comércio até hoje é testemunhada pelo enorme número de pedaços de urnas encontradas no leito marítimo deste trajeto.

A implantação destes vinhedos, nas regiões atuais da Puglia, da Basilicata, da Calábria e da Campânia, deu origem à cultura de vinhos em território italiano, tema que abordaremos no próximo texto – terceira parte. Por enquanto ergamos um brinde ao Dionísio, com uma bela taça de vinho nas mãos. 🍷

IVAN CARLOS REGINA
é engenheiro do setor de transporte público, associado do Instituto de Engenharia e autor dos livros *Vinho, o Melhor Amigo do Homem* e *Harmonizando Vinho&Comida*. E-mail: ivanregina@terra.com.br